

# O CALDO<sup>1</sup>

Humberto de Campos



## I

[83]<sup>2</sup> Como continuação da rua principal da pequena capital nortista, partia aquela estrada. Marginada de casas a princípio, ia, pouco a pouco, se tornando mais deserta, mais solitária, mais abandonada. Serpeando aqui entre serrotes; cortando ali, retilínea, uma várzea; comprimindo-se na garganta de uma serra ou pulando o rio com o auxílio de um pontilhão, ganhava o sertão imenso, estabelecendo um longo traço de união entre o mundo agitado e aqueles longínquos sertões pastoris. Por ela, matando-lhe a relva teimosa sob os sapatos ferrados, haviam passado os primeiros desbravadores; por ela tinham descido, nos anos de seca e de fome, os rebanhos de sombras das populações flageladas; e por ela desciam e subiam agora as boiadas e as tropas de muares demandando o litoral ou o interior, carregadas de algodão, de milho, de couros, de arroz, de queijos, produtos da terra, ou de sal, de querosene, de fazendas, para o pequeno comércio

---

<sup>1</sup> CAMPOS, Humberto de. O Caldo. In: CAMPOS, Humberto de. *O Monstro e Outros Contos*. 3. ed. aum. São Paulo: Livraria José Olympio, 1934. p. 83-92. [1932].

<sup>2</sup> Os números entre colchetes referem-se aos números das páginas da referência.

sertanejo. [84] Às vezes, em uma das suas curvas longínquas, erguia-se uma nuvem de poeira amarelada, que faiscava à claridade forte do sol. À medida que a nuvem se ia aproximando, ia-se ouvindo um tilintar nervoso de guizos; e em um instante surgia, chouteando, a tropa numerosa, carregada de caixas ou de fardos, puxada pela burra-madrinha, animal inteligente e marchador, e fechada, atrás, pelos comboieiros, de chapéu de carnaúba e lenço vermelho ao pescoço, sentados na sela como imperadores de um povo itinerante.

— Toca pra diante, *Mimosa!*...

— Endireita, *Andorinha!*...

E o estalo seco do chicote, tocando a tropa.

Era no alto sertão, já, para além da serra da Gameleira e da chapada dos Três Irmãos, mas à margem mesmo dessa estrada, que se erguia a casa de comércio e de moradia do coronel Antônio Solano. Antiga fazenda de gado e de cultura, havia, pouco a pouco, a Baixa-Verde caído em decadência com o seu último proprietário. O canavial e o engenho, que davam açúcar e aguardente para toda a região, tinham parado depois de 13 de maio, por falta de trabalhadores. O mato invadira as plantações, afogando-as, matando-as; e da velha casa de engenho não restava agora senão uma [85] parte do telhado sujo, tendo a outra desabado há muitos anos. A de moradia, essa, constava apenas da “venda”, na frente, e de uma sucessão de quartos e salas em abandono, por onde errava, fugitivo e soturno, o vulto pesado e grosseiro do coronel, último descendente de uma família ilustre e poderosa, que dominara em todo aquele sertão.

Antônio Solano era o tipo integral do sertanejo indomesticável. De estatura mediana, grosso e forte, andava pelos quarenta e cinco anos, carão largo, moreno, bigode curto e grisalho. Trazia o cabelo cortado rente e

possuía uns olhos pequenos, escuros, escondidos, como dois tigres, sob a moita das sobranceiras. Como não tivesse família, pois que a mulher havia morrido e a filha havia casado, vivia ali sozinho, com um criado de confiança, o Libório, que era, ao mesmo tempo, seu cozinheiro, seu caixeiro e seu guarda-costas nas aventuras perigosas.

Com o abandono das culturas e a extinção do gado, vendido pouco a pouco na vila de acordo com as necessidades, vivia Antônio Solano, agora, do arrendamento de algumas braças de terra na Baixa e dos vagos negócios daquela casa de comércio à beira da estrada. De longe em longe, uma ou duas vezes por dia, passava uma tropa. Os tropeiros acomodavam os [86] animais sob o telheiro do antigo engenho, apeavam-se, compravam aguardente, fósforos, farinha, rapadura, e, após um descanso ligeiro, continuavam o seu caminho. E isso alimentava a mediania do proprietário.

Indolente por natureza, o antigo fazendeiro não compreendia, contudo, como outros prosperavam na vizinhança. A fortuna alheia fazia-lhe mal. E era para esquecer esse ressentimento que soltava a brida, inteira, ao corcel da concupiscência, transformando-se em sultão único daquelas redondezas. Mal desabrochava para a mocidade e para o desejo o botão de rosa de um seio virgem, e logo murchava poluído pela lagarta repugnante do seu beijo. Contavam-se às dezenas as mulheres atiradas por ele, ainda meninas, à degradação. Das raparigas que faziam vida dissoluta nas vilas mais próximas, embebedando-se de aguardente nos quartos da feira, uma ou outra não havia sido lançada nesse caminho pela sua bestialidade revoltante.

Entre tantas vítimas uma houve, no entanto, que não esqueceu o ultraje recebido. Chamava-se Maria Rosa, e era clara e bonita. Aos quinze anos, após a morte do pai, e com a mãe enferma de sezão, fora, com o irmão

pequeno, à casa-grande, pedir ao coronel que os não atirasse fora da terra por falta de pagamento. Quando o milho amadurecesse obteriam o suficiente [87] para o arrendamento da terra em que tinham a cabana e o roçado.

Sentado fora do balcão, num tamborete, os pés sem meias afundados nos chinelões de couro, vestindo calça e camisa de riscado, pela abertura da qual aparecia, vultosa, a musculatura do peito forte, o coronel fitava a menina como a cobra magnetiza o pássaro que vai devorar. Sentia, já, mentalmente, os encantos virgens daquele corpo, a curva suave daquele colo, a maciez daqueles cabelos cheirando a sol, a doçura daquela boca cheirando a fruta. O menino havia ido, a mandado seu, pedir ao Libório, na cozinha, uma xícara de café. E quando voltou, encontrou a irmã chorando, abotoando o casaquinho de cassa, mas tendo na mão, nervosamente amarfanhado, o pedaço de papel com o recibo, por seis meses, do arrendamento da terra.

## II

Um ano depois, pelo São João, achava-se o coronel Solano à porta da casa, de onde havia partido uma tropa rumo do sertão. O cotovelo encostado no portal, a mão aberta sustentando a cabeça, olhava, sem ver, a natureza que o cercava. À frente, muito longe, a serra Dourada esfumava-se, coberta, aqui e ali, de lenços de [88] bruma. Coleando para a direita e para a esquerda, arenosa e cheia de sol, a estrada deserta era como uma serpente imensa, de cauda presa ao sertão e cabeça mergulhada no mar. Em uma árvore próxima, chiavam cigarras, limando o silêncio. O sertanejo ouvia e olhava tudo isso estupidamente, quando, surgindo do oitão da casa, lhe

apareceu um vulto de mulher, que não pôde logo reconhecer. Trazia nos braços uma criança adormecida, envolta em um sujo pano de algodão.

Toda ela denunciava miséria, penúria, sofrimento. O cabelo sem trato, amarrado ao alto da cabeça, escapava-lhe, em falripas escuras, pelo pescoço, pelos ombros, pelo rosto. Devia ser moça, mas trazia, já, nas feições, os estigmas da velhice precoce.

— Boa tarde, “seu” coronel!

— Boa tarde! — respondeu, seco, o sertanejo, sem mudar de posição.

— “Seu” coronel não me conhece?

Antônio Solano examinava-a, sem compreender.

— Eu sou a Maria Rosa, filha do defunto Tranquilino — aventurou a rapariga, medrosa.

E enquanto o coronel fechava a cara:

— Eu vim trazer a vossa senhoria o Antoninho, pra tomar a benção pro pai...

[89] A essas palavras, ditas timidamente, com um tremor por todo o corpo e a ponto, quase, de soltar a criança, o antigo fazendeiro explodiu:

— Pai?... Que pai, nada!... Vocês andam por aí como as cabras com os bodes, com um e com outro, arranjam os seus moleques e, depois, o coronel Solano é que é o pai! Isso já é desaforo... Eu não estou aqui para trabalhar para os filhos dos outros... Vá procurar o pai em outra parte!...

Pálida, ainda, dos martírios da maternidade, das privações que sofria, Maria Rosa tornara-se cor de cera. O filho deitado nos braços, quase caindo, os olhos súplices e sem uma gota de pranto, recordava certas imagens toscas de Nossa Senhora que se veem, às vezes, nas igrejas coloniais.

Parecia-lhe um sonho, o que ouvia. De repente, porém, tomou coragem e, quase num soluço:

— Ele é seu filho, “seu” coronel... Eu juro... E se eu vim aqui, não foi por mim, foi por ele... Minha mãe morreu, na semana passada... Meu leite secou... E o que eu vim pedir a vossa senhoria foi qualquer coisa para dar um caldinho pra ele...

E como quem diz, com terror, uma coisa que lhe parece impossível:

— Senão ele morre...

[90] — Caldos! Caldos!... — rugiu, indignado, o coronel, dando de entrar para o balcão. — Aos meus caldos querem viver vocês todos...

E, braço estirado, no rumo da Baixa:

— Vá embora!... Já!...

— Vossa senhoria nega um caldo para seu filho... Não é? — fez a rapariga, com firmeza.

— Vá embora!... Já lhe disse! — tornou Antônio Solano, colérico.

### III

A noite começava a cair, envolvendo o sertão imenso. Uma cinza tênue e contínua envolvia as coisas, gastando-lhes os contornos. As seriemas soltavam ao longe o seu canto monótono de aves engasgadas. As moitas, povoadas de insetos, chiavam, como se fervessem ao fogo. Uma primeira estrela abriu no céu, como uma açucena num grande lago sem ondas. E outras foram chegando, miúdas, piscando os olhos pequeninos.

Pesado, grosso, a cabeça inteiramente branca, o coronel Antônio Solano pouco mudara em vinte anos. A casa era a mesma. O criado, o

mesmo. E o mesmo, ainda, o lampião de querosene suspenso do teto sobre a mesa [91] de jantar, onde se estendia a metade de uma toalha de algodão e se via, sobre a toalha, um prato e um talher.

— Libório — chamou o ancião, tomando lugar à cabeceira da mesa —, traga o jantar.

A figura de um preto alto, cabeça alva como a do patrão, atravessou o compartimento, rumo da cozinha. E, um momento depois, voltava com um prato fundo, onde fumegava um caldo de carne em que flutuavam fragmentos de tempero e bolhas de gordura. Colocou-o diante do coronel e retirou-se, de novo, em direção à cozinha, para trazer, mais tarde, o arroz, o cozido, o feijão.

A colher na mão, Antônio Solano curvou-se para a frente e bebeu a primeira colherada. Tomou a segunda. Se houvesse à sua frente um espelho, teria visto, talvez, nesse momento, que um homem, esgueirando-se pela porta, se aproximava, pé ante pé, da sua cadeira, com os olhos postos no seu pescoço taurino... Tomou a terceira colher... Dentes cerrados, o homem era novo e trazia à mão uma faca meticulosamente afiada, como a dos açougueiros... E o coronel tinha a boca cheia pela quarta colherada quando uma grande mão lhe empurrou, violenta, o rosto no prato, ao mesmo tempo que uma lâmina certa, navalhante, lhe decepava completamente, e de um golpe, a cabeça vigorosa!

[92] Quando o criado voltou com o cozido, soltou-o no chão, de pavor: o prato do caldo estava cheio de sangue, que transbordava pela toalha, pela mesa, pelo soalho encardido; e no prato, mergulhado no caldo sangrento, o rosto do patrão.

## IV

A essa hora, uma lâmina em punho, fugia, em carreira desordenada, pulando as moitas, rumo da Baixa, um rapagão moreno de vinte anos. Era o Antônio, filho da Maria Rosa.



### FICHA TÉCNICA

**Coordenação:** Júlio França e  
Oscar Nestarez

**Pesquisa:** Ana Giulia Mussury,  
Ana Resende e Magda Oliveira

**Preparação e revisão de texto:**  
Ana Paula dos Santos, Daniel  
Augusto P. Silva e Laura Cardoso

**Design gráfico:** Renata Luz

# Tênebra

Biblioteca digital de  
narrativas obscuras  
brasileiras

